

Branco, Alberto Manuel Vara (2015). Do Reino de Axum ao Reino da Etiópia (Século I D.C. ao século XVII): A Força e o Isolamento do Cristianismo na África do Norte e Nordeste. *Millenium*, 48 (jan/jun). Pp. 63-74.

---

**DO REINO DE AXUM AO REINO DA ETIÓPIA  
(SÉCULO I D.C. AO SÉCULO XVII):  
A FORÇA E O ISOLAMENTO DO CRISTIANISMO  
NA ÁFRICA DO NORTE E NORDESTE**

**FROM AXUM'S KINGDOM TILL ETHIOPIAN'S KINGDOM  
(1<sup>ST</sup> CENTURY A.C. TO 17<sup>TH</sup> CENTURY):  
THE POWER AND THE ISOLATION OF CHRISTIANITY  
IN THE NORTH AND NORTHEAST OF AFRICA**

ALBERTO MANUEL VARA BRANCO <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutorado em História, Professor Coordenador Aposentado da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu – Portugal. (e-mail: [amvarabranco@gmail.com](mailto:amvarabranco@gmail.com))

**Resumo**

O reino da Etiópia é produto da presença do Cristianismo no Norte e Nordeste de África. Perante o avanço do Islamismo, no século VII depois de Cristo, o Reino da Etiópia isolou-se do mundo exterior, nomeadamente dos Centros Religiosos de Constantinopla e Roma.

**Palavras-chave:** Etiópia, cristianismo, África, isolamento.

**Abstract**

The Ethiopian Kingdom results from the Christianity's presence through the North and Northeast of Africa. With the growth of Islamism during the 7<sup>th</sup> century A.C., the Ethiopian Kingdom stayed apart from the Christian world, namely, Constantinople and Rome.

**Keywords:** Ethiopia, christianity, Africa, isolation.

### **1. Introdução – apresentação do assunto**

O Deserto do Saara foi um fator geográfico altamente condicionador no continente africano, isolando o Norte da maior parte do referido continente até aos finais do primeiro milénio depois de Cristo, quando a economia em expansão e o islamismo penetraram o deserto, ultrapassando-o, a fim de extrair ouro e capturar escravos, produtos que faziam parte do mecanismo e intercâmbio comerciais autóctones da África Ocidental, e criar ligações por mar com a África Central e Oriental.

Do Século I ao século IV D.C., no Norte e Nordeste de África, assiste-se à presença da vanguarda intelectual do Cristianismo, que veio a sucumbir com o aparecimento do Islamismo e do seu ímpeto a partir do século VII. Assim, no Egito, na Núbia, no Sudão e na Etiópia o Cristianismo foi convictamente adaptado pelos povos africanos dessas regiões às suas próprias culturas e assumiu prestígio relevante nessa época. Documentos históricos, nomeadamente arquitetónicos e monumentais, dão conhecimento dessa mesma realidade.

De facto, muito mais tarde, o Norte e Nordeste africanos foram incapazes de resistir ao avanço do Islamismo a partir do século VII, o qual estendeu o seu poder a toda a região, em parte devido à fraqueza militar e à instabilidade política do Império Bizantino.

A única região que conseguiu fazer frente ao avanço do Islão foi o reino de Axum, que, posteriormente, desembocou no aparecimento do reino da Etiópia, em parte devido ao seu isolamento, às características geográficas e climáticas da zona em que se encontrava inserido e, ainda, porque esta região se encontrava relativamente afastada do centro dos poderes decisórios islamitas. Desta forma, bem se compreende porque toda a história da Etiópia está ligada à evolução do Cristianismo no Norte e Nordeste de África, ao isolamento das influências externas e, ainda, se relaciona com a nefasta problemática das quezílias político-religiosas do império romano (Monofisismo, Nestorianismo e Pró-Calcedónios), cuja sede na altura era Constantinopla.

A maior parte do território do reino da Etiópia estava inserida em área cuja altitude é superior a 1000 metros e este fator geográfico teve também um papel preponderante em todo o desenrolar da sua história, muito particular, mas ainda sujeita a muitas investidas por parte dos povos que rodeavam o seu território, os quais eram aderentes – e ainda o são – do credo muçulmano.

### **2. O aparecimento do Cristianismo no Norte e no Nordeste de África**

Segundo Iliffe (1999), foi o apóstolo São Marcos que levou o Cristianismo para Alexandria no ano 61 D.C. Também a documentação histórica da época faz referência à presença do apóstolo São Mateus em terras que viriam a ser pertença do

futuro reino da Etiópia e à lendária Santa Efigénia, filha do rei Egípcio, batizada por este apóstolo e que veio a converter-se ao Cristianismo.

Para além do núcleo inicial judaico onde se inseriu em Alexandria, (importante porto no Mar Mediterrâneo e relevante centro egípcio), o Cristianismo expandiu-se efetivamente e, por volta de 200 D.C., havia já uma igreja de língua grega sob a coordenação de um bispo de Alexandria. Por esta ocasião destaca-se a figura do filósofo e teólogo Orígenes.

No século IV, no Egito, existiam 51 dioceses e era abundante a existência de Bíblias escritas em copta. Os principais chefes do Cristianismo popular eram monges eremitas como S. Antão e S. Pacómio. Os adeptos da vida monástica inspiraram-se na vida dos sacerdotes do Antigo Egito.

Após a oficialização do Cristianismo como religião de estado do império Romano pelo imperador Constantino sabe-se que, em 400 D.C., noventa por cento dos egípcios eram cristãos.

Para ocidente do Egito, a ação de cristianização e evangelização ficou a dever-se a gregos, romanos e judeus. Na região de Cartago, e quando Diocleciano lançou a grande perseguição em 303, cria-se uma igreja dissidente sob a orientação de Donato, um de dois bispos rivais de Cartago, e esse movimento cismático não tolerava os cristãos lapsos. O donatismo foi-se lentamente confinando aos seus habitantes nómadas, tendo sobrevivido até à invasão muçulmana ocorrida no século VII.

No Egito, ainda hoje, na igreja copta, os acontecimentos são datados não a partir do nascimento de Cristo, mas a partir da era dos mártires em 284 D.C. Após o Concílio de Calcedónia, reunido em 451, e quando o imperador Justiniano tentava impor uma hierarquia pró-calcedónia à igreja egípcia, a igreja copta proclamou-se a favor da crença monofisita, uma só natureza, a divina, em Jesus.

Esta questiúncula político-religiosa enfraqueceu a coesão da unidade do Cristianismo no Egito dessa época e impediu fortemente, no futuro, uma resistência unificada à invasão muçulmana, que ocorreu no século VII.

Uma vez que a igreja copta era de cariz missionário, expandiu-se para outras áreas africanas, nomeadamente a Núbia e a Etiópia. Esta última sofreu um incremento, em parte devido à força do comércio existente no Mar Vermelho, e ligou-a às atividades mediterrânicas pelo porto de Adulis, importante pelo marfim.

### **3. O Cristianismo no reino de Axum**

No século I D.C., surgiu o reino de Axum que conseguiu unificar a região. Herdando uma parte da cultura do sul da Arábia engrandeceu a sua capital com importantes monumentos. O seu prestígio e poderio foram atestados pela cunhagem de moedas, seguindo os modelos romanos.

A introdução do Cristianismo em Axum ficou a dever-se a Frumêncio, jovem mercador cristão. Ele foi tutor do futuro rei Ezana. Consagrado em Alexandria como primeiro bispo de Axum, influenciou o referido rei para adotar oficialmente o Cristianismo, o que veio a acontecer em 333 D.C.

A igreja da Etiópia tornou-se monofisita, por influência de Alexandria, e foi chefiada por monges coptas vindos daquela cidade egípcia até meados do século XX. A única via de contacto com o exterior por parte do Cristianismo etíope fazia-se através de Alexandria.

Nos séculos V a VII as escrituras foram traduzidas para a língua franca semita de Axum, escrita inspirada no alfabeto do sul da Arábia. A partir desta época o Cristianismo, apoiado pelo domínio de Axum, estendeu a sua ação para sul, até ao planalto etíope.

Os templos pagãos da região e de Adulis foram transformados em igrejas. Contudo, a partir de finais do século VI, a grandiosidade do reino de Axum eclipsou-se face a três factos muito importantes:

- O desvio do comércio da região, por causa da guerra entre o império bizantino e a Pérsia;
- A destruição do porto de Adulis em virtude da expansão muçulmana; e
- A alteração climática, com o declínio das chuvas, e que teve uma enorme influência na agricultura da região.

No ano de 630, o rei Ezana morreu e não foi sepultado na capital, mas na região a sudeste, onde já se registava a interpenetração da cultura de Aksum e das culturas autóctones de Cush. Todas estas movimentações políticas, culturais e económicas contribuíram para a origem e reforço da igreja histórica local, com a sua especificidade esotérica, doutrinária e de rituais e, ainda, para a formação do futuro reino da Etiópia. Assim, começa a vida real do reino em causa.

#### **4. A evolução de natureza social, religiosa, política e económica da Etiópia até ao século XV**

Sabe-se que o ímpeto da invasão muçulmana no Norte de África não foi capaz de aniquilar o poder do Cristianismo na região, uma vez que o foco espiritual da cristandade estava afastado do centro do poderio muçulmano. Por outro lado, assistiu-se à constante colonização dos planaltos, onde, por agricultores de línguas semitas, se falava a língua cuxítica. Esta problemática acompanhou toda a história etíope entre os séculos IX e XVI.

De acordo com Taddesse Tamrat (1972), o centro do reino estava na região de Wollo, e não em Tigre, situada mais a Norte, e naquela zona o povo cuxita falava línguas Agaw. No século XII, em 1137, um príncipe Agaw fundou a dinastia Zagwe, ao

apoderar-se do trono etíope. Esta dinastia esteve no poder até 1270, procurando a sua legitimidade pela realização de obras de carácter religioso, nomeadamente as igrejas escavadas na rocha de Lalibela, integrada na área da cidade de Zion, banhada pelo riacho Yordanos e pelo monte calvário.

Segundo Iliffe (1999), dá-se a deslocação das povoações cristãs mais para Sul, devido ao clima ser mais chuvoso, mas ainda pela atividade comercial nas áreas baixas do Leste, que se desenvolvia até à costa de Zeila. O comércio incidia sobre o mercado de escravos, ouro, marfim e sal, e importava artigos de luxo vindos do Islão.

Os povos de língua semita avançaram mais para Sul, atravessando o país Agaw e penetrando em Amara e Showa. As forças de maioria Showa, cujo chefe Yikunno Amlak se dizia ser descendente de Salomão e da rainha de Sábá, derrubaram a dinastia Zagwe em 1270.

Seu neto, o rei Amda Siyon (1314-1344) tornou-se o maior monarca guerreiro da Etiópia, conquistando Ifat, e obrigando os chefes muçulmanos locais a formar um emirato em Harar, em região mais a leste. Amda Siyon alargou ainda as fronteiras etíopes meridionais e ocidental, à custa de áreas cuxitas não cristãs e também à custa de povos que continuavam a manter as antigas tradições judaicas de Axum.

De acordo com Iliffe (1999), a Etiópia deste tempo era a mais antiga sociedade africana negra, que pode ser analisada ao pormenor devido à existência de crónicas reais e documentação religiosa. A ação desta dinastia centrava-se no controlo da natureza e da colonização da terra, tidas por meritórias pelo Cristianismo local. As povoações, na sua maioria, estavam localizadas no planalto quente e húmido, com uma altitude de 1800 a 2500 metros, evitando por isso as planícies áridas e as vertentes gélidas das montanhas, bem como os vales muito fortemente arborizados.

Wallis Budge (1906) salienta que, na hagiografia de S. Takla Haymanot, abade showa, datada dos séculos XIII/XIV, os seus monges retiraram à selva muitos campos para a agricultura, uma vez que as terras das montanhas se encontravam em estado bravia, com mato e na situação de incultas. De acordo com Iliffe (1999), são conhecidas, na época, as principais culturas nos planaltos, como sejam o trigo, a cevada e o teff e, mais a sul, quando a água era abundante, aparecia a ensete, falsa banana, sublinhando ainda ser praticada *a rotação de culturas e os campos eram permanentemente cultivados com arado, caso único na África subsariana, mas o arado puxado por um ou dois animais, fazia uma lavra superficial, de modo que não surgiu nenhuma estrutura senhorial ou servidão* (p. 81). Wallis Budge (1906) diz, ainda, que S. Takla aconselhava paciência aos donos das terras, sempre que os animais selvagens devastavam as culturas agrícolas, e refere que os homens santos protegiam as pessoas dos animais selvagens, por meio de milagres. Mas os agricultores enfrentavam ainda outros contratemplos, nomeadamente a pluviosidade, quando a chuva era em demasia, a

avaliar pelo nível das águas dos lagos, ou, por outro lado, quando a chuva faltava ou escasseava. Na vida de S. Takla também se faz referência à fome, embora esta fosse menos comum nessa altura do que em épocas posteriores (Wallis Budge, 1906).

Para Ludolphus (1984), Yikunno Amlak e os seus sucessores da dinastia salomónica conseguiram dominar a situação em parte pelo direito que diziam ter, proveniente do sangue do rei Salomão, mas também e principalmente pela força dos seus exércitos. Os soberanos, no sentido de exercerem a sua autoridade e poder, tinham o hábito de deixar as capitais permanentes até meados do século XV, preferindo a permanência em grandes acampamentos itinerantes.

Segundo Iliffe (1999), *as conquistas de Amda Siyon abriram um vasto campo à igreja etíope. Os seus evangelistas correspondiam, em termos espirituais, aos heróis militares: homens santos como S. Takla Haymanot, em geral de origem nobre, que fundaram os primeiros mosteiros em zonas não cristãs, praticavam a automortificação, moviam ataques épicos contra religiões indígenas e atraíam o povo para o cristianismo, através do seu poder, da sua santidade, dos seus milagres e dos serviços que prestavam na nova ordem cristã* (p. 83).

De acordo com Kaplan (1984), é sublinhado que, em Tigre, desde o século V, existia vida religiosa em mosteiros, destacando que o monge Iyasus Mo'a, em 1248, a levou para Amara, situada mais a sul.

Em 1286, S. Takla Haymanot fundou o famoso mosteiro de Debra Libanos em Showa, acrescentando Wallis Budge (1906) que os seus monges, muito pouco inclinados à centralização real, criaram muitos conventos na região sul da Etiópia, durante os dois séculos seguintes, para além de terem incrementado a vida monástica em Tigre pela ação do monge Ewostatewos (1273 – 1352).

Tamrat (1972) e Kaplan (1984) destacam que as adaptações esotéricas, levadas a efeito pelos missionários etíopes, contribuíram para reforçar uma orientação diferenciada no ideal cristão, característica esta muito própria do Cristianismo neste reino, até porque a deslocação deste para sul, para as zonas planálticas, foi, sobretudo, devida à expansão do islamismo no século VII. Assim, segundo os mesmos historiadores, assistiu-se ao isolamento do Cristianismo da Etiópia em relação ao mundo cristão exterior, nomeadamente em relação a Constantinopla e Roma. A única ligação que se mantinha, embora de uma forma esporádica, era com Alexandria no Egito, sede da igreja copta de características monofisitas, tendo o seu bispo por missão a ordenação de sacerdotes no reino da Etiópia.

Iliffe (1999), pela análise que fez sobre o Cristianismo etíope, sublinha que a Etiópia se afirmava como o Sião, sendo definida pela religião, que defendia a sua fé contra as forças adversas inimigas que a rodeavam. Assumindo-se como uma segunda

Israel, a Etiópia possuía uma fé muito poderosa, que *acentuava a majestade de Jeová e a divindade em detrimento da humanidade de Cristo* (p. 84).

Kaplan (1984) e Tamrat (1972), destacam que, na religião etíope, as práticas judaicas eram fortalecidas, nomeadamente as práticas do Novo Testamento, que modelavam o comportamento individual da pessoa, com destaque na caridade, nos milagres e na cura espiritual. Iliffe (1999) diz concretamente que esse Cristianismo etíope *exprimia uma cultura heróica* (p. 84) com ênfase na vida dos homens santos, na automortificação do jejum, e no significado das figuras de S. Jorge e dos Arcanjos. Acrescenta o mesmo autor que todo este movimento religioso foi comandado e canalizado por Zara Yaqob (1434-1468), que obrigou a igreja a praticar e a desenvolver a evangelização monástica. A ação deste monarca, que consolidou as fronteiras territoriais do país, a partir de Debra Berhan, em Showa, capital fixa do reino, ressuscitou o antigo hábito e cerimonial da coroação real em Axum.

## **5. A evolução de natureza social, religiosa, política e económica da Etiópia até ao século XVII**

Beckingham & Huntingford (1961) mencionam que, no século XVI, o missionário Francisco Álvares se referia à fertilidade na região de Tigre, onde existia uma numerosa população, a qual se concentrava nessa região ou noutras áreas planálticas. Salientam, ainda, que, devido à existência de poucos filhos nas famílias, no período salomónico, foi abafado o conflito de gerações na Etiópia, não tendo os cristãos linhagens ou apelidos, e existindo pequenas aldeias, cuja força institucional assentava primordialmente na paróquia e na sua igreja. Mais adiante, o mesmo religioso português dizia que, nesta sociedade móvel e colonizadora, existiam algumas residências da nobreza e a sua riqueza provinha do desbravamento das terras por pioneiros ancestrais e de doações reais do direito de cobrar tributo em dinheiro e em mão-de-obra aos agricultores da região.

Huntingford (1965) salienta que a situação de guerra era uma circunstância quase permanente e por isso, os cavalos de guerra eram mais importantes que o arado, sendo o nobre um homem poderoso, cujo estatuto, obtido pelo talento e força competitivos, exibiam o seu prestígio social pela presença de muitos servos na sua residência e pela prática de uma aparente generosidade em prol de pobres incapacitados.

Segundo Beckham & Huntingford (1961), no século XVI, o missionário português Francisco Álvares relatava com muita minúcia as várias epidemias que assolavam o reino da Etiópia e zonas limítrofes, nomeadamente a varíola, a lepra e a malária, exercendo um impacto muito negativo sobre a população.

No campo político e religioso, após a morte de Zara Yaqob (1434-68), finda a centralização e o autoritarismo da sua governação, o reino da Etiópia, entre 1478 e

1527, entrou num período de instabilidade e os reis subiam ao poder com a idade média de onze anos (Iliffe, 1999). Com esta instabilidade política, quem beneficiou foi o sultão de Harar, que, com as suas forças militares, invadiu as regiões montanhosas cristãs, destruindo o famoso mosteiro de Debra Libanos, fundado por S. Takla Haymanot. Só em 1543, a situação se alterou bruscamente a favor dos etíopes, com a morte do líder muçulmano, em combate com um exército cristão, que tinha incorporado um grupo de militares portugueses. Desta forma, as forças do Islão voltaram a fixar-se na região de Harar.

Assim, a igreja etíope continuou independente e enquistada até ao presente, afunilando as suas características específicas de carácter monofisita e judaicas, devido, em parte, ao isolamento com o exterior.

Merece ser destacado, de seguida, qual a visão que a Europa, na Idade Média, tinha da Etiópia, com ênfase para os mitos que rodeavam a sua localização territorial e, ainda, sobre as fantasias que pairavam sobre alguns dos seus habitantes.

Iliffe (1999) salienta que a mudança no Egito, levada a cabo por Mohammed Ali, também veio a afetar a Etiópia. Após a expulsão das forças islamitas em 1543, o reino cristão etíope não conseguiu recuperar totalmente o seu antigo prestígio, porque a guerra permitiria que o povo OMO, de língua cuxítica, se infiltrasse nas zonas de montanha do sul ocupadas por cristãos.

Reagindo a esta circunstância, os Amara fixaram-se ao Norte e a Ocidente, situação cristalizada em 1636 com a fundação de uma capital fixa em Gondar. O referido historiador acrescenta que, no reino da Etiópia, a segmentação era equivalente à existência de regionalismos, em especial no período da época dos juízes, entre 1769 e 1855, quando os donos da guerra nas províncias, que lutavam para dominar os imperadores, sem poderem reduzir o reino, contribuíram para asfixiar a Etiópia.

## **6. A imagem que a Europa dos séculos X a XV/XVI tinha da Etiópia: mitos e realidade**

O isolamento forçado da Etiópia ao mundo exterior, sobretudo devido à expansão do Islamismo, a partir do século VII, contribuiu, em parte, para que esta região sofresse de uma imagem mística distorcida e deformada e rodeada de mitos. Acresce, ainda, que o Cristianismo etíope estava circundado ou encurralado, ou pelo poder muçulmano ou pelo paganismo, o qual perdurou em quase toda a África até ao século XV. A luta do Cristianismo etíope com o exterior foi uma constante presença ao longo de toda a sua história e, portanto, a vida do reino da Etiópia não foi nada fácil.

Em toda a problemática do obscurantismo do conhecimento científico, é de salientar que, no Portugal quatrocentista e da Europa no seu todo (ou quase), a respeito da Etiópia, país do Preste João, vigorava a ideia de que aquele país era, umas vezes,



confundido com a Índia e, outras vezes, que a incluía ou continha-a dentro de si. Assim, assistia-se nessa época a uma dose de sugestões precipitadas ou hipóteses não cientificamente consistentes.

Albuquerque (1989) diz: *interessa-nos apenas mostrar, documentando, que os limites das Índias, ou da terra do Preste João se alongavam até à beira do Atlântico, segundo ideias geográficas que vinham de longe* (p.173) e adianta que *para Pompónio Mela, a Etiópia, aliás já cindida em duas partes, oriental e ocidental, ocupa toda uma vasta zona do continente africano, ao sul das regiões que davam sobre o Mediterrâneo* (p. 173).

Pompónio Mela faz alusão aos etíopes ocidentais ou hespérios, destacando que estes estavam em estado selvagem, não possuindo riquezas, e fala de um rio que atravessava a zona por eles habitada como sendo uma parte do Nilo.

Segundo Albuquerque (1989), o geógrafo Solino referencia a separação dos etíopes com os povos do Norte de África, pelo rio dos Negros, e depois de abordar os etíopes garamantes, ocidentais, enumerava as diferentes raças de homens que se encontravam na Etiópia, carregando numa série de monstruosidades, nomeadamente os Cinamolgos, de faces caninas, e os etíopes do mar, com quatro olhos. Esta lenda ou descrição era conhecida em Portugal nos princípios do século XVI.

Santo Isidoro, nas *Etimologias*, confirmava a existência de uma extensa Etiópia, destacando que os seus naturais eram negros, habitando uma área de larga faixa transversal de África, o que leva Albuquerque (1989) a salientar que não se pode identificar a antiga Etiópia com a Etiópia de hoje, referindo que determinada *tradição geográfica estabelecida desde os primeiros séculos da era cristã dava o nome de Etiópia a uma larga região que se estendia do Atlântico à contra costa: os seus limites setentrionais seriam, de ocidente para nascente, a Mauritânia (prolongada até ao rio dos Negros), a Núbia e o Egito* (p. 174).

O mesmo historiador apresenta, ainda, um resumo – índice de cartas e referências sobre a Etiópia, cobrindo um largo período de séculos na Idade Média, sublinhando que no:

- **Século VII**, em que o *mapa mundi* de Albi referencia a Etiópia em região a sul da Mauritânia próxima do Oceano Atlântico;

- **Século IX**, em que o mapa de Sever posiciona no continente africano diferentes regiões, como sejam a Líbia, deserto arenoso, e a Etiópia, localizada a sul do deserto do Saara;

- **Século XIII**, com destaque para três documentos geográficos:

- . O planisfério de Hereford, destacando que ao sul do Atlas e junto do Oceano Atlântico aparecem os tanginer etíopes e os agriphagis etíopes, para além dos marithimi etíopes;

. O *mapa mundi* do Museu Britânico, cuja configuração de África se apresenta sob a forma de um semicírculo, e onde, além da Etiópia oriental, é mencionada na costa atlântica, a Etiópia calidíssima e, mais a sul, a Etiópia ocidental;

- A carta de um manuscrito de Salústio, que menciona a localização da Etiópia a sul de África, acessível aos navegantes que viajam ao longo da costa ocidental.

- **Século XIV**, com referência para três mapas, tais como:

. O planisfério em anexo ao manuscrito de Ranulfo Hidgen (1363), denominado *Polychronicon*, inserindo a Etiópia no sul de África;

. O planisfério anexo a um manuscrito de Frei Paolino Minorita, apresentando a legenda *Ethiopian orientalis*, situa a Etiópia nas proximidades da Índia e contígua ao Atlântico;

. A carta de uma coleção da Biblioteca Vaticana, sublinhando que a ocidente surge também Etiópia e Barbaria.

- **Século XV**, com destaque para dois documentos de cariz geográfico:

. O planisfério anónimo da 1ª metade do século em que o continente africano é limitado ao sul pelo *Mere ethiopiae* onde, junto à costa oriental, estão desenhados 3 homens com cabeça de cão. A esta Etiópia meridional seguia-se a Núbia, país de cristãos do Preste João, cujo império vai deste Gibraltar para sul até ao Rio do Ouro;

. A carta genovesa de 1447, em que, na costa ocidental africana e um pouco acima do Golfo da Guiné, aparecem as indicações *Ethiopia* e *Ethiopia arenosa*.

Para além desta documentação de âmbito cartográfico e geográfico, apareceram na Idade Média diversas obras com referência à Etiópia e a Preste João, com realce para:

- Joham de Plano Carpini, *Geschichte der Mongolen und Reisebericht* 1245-1247. Leipzig 1930, p. 122-123, obra em que os domínios do Preste João vinham até ao ocidente africano;

- Ricobaldo de Ferrara. *De Locis Orbis et Insularum et Marium* (1312);

- Fagio degli Uberti, no poema *Il Ditamondo* (1367).

Estas obras, referenciadas por Luís Albuquerque (1989), em conjunto com documentação e/ou cartas de origem náutica, deixam transparecer que, por exemplo, a Índia, com domínio geográfico muito extenso e com fronteiras não precisas, era considerada, por algumas correntes de opinião na Idade Média, como sendo o país de Preste João e abrangendo todos os territórios localizados a leste do Mar Mediterrâneo, para além do poderio muçulmano e a sul do deserto do Saara. De acordo com o mesmo Albuquerque (1989), há conhecimento de que, em 1450-1451, o rei da Etiópia enviou uma embaixada ao Rei de Aragão, na Península Ibérica, e dela saiu um emissário que veio a Portugal em missão de cortesia.

Na *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, no capítulo II, o cronista Azurara faz referência aos etíopes, vivendo à sombra do Cáucaso e negros em cor. Outros textos de navegadores ou de indivíduos integrados em viagens marítimas, na Idade Média, fazem referência constante ao alargamento e/ou ao posicionamento da Etiópia até à costa ocidental do continente africano, bem como à designação de Etiópia para toda a África, à exceção das zonas junto ao Mar Mediterrâneo. Esta situação estava altamente generalizada em toda a Idade Média.

### **7 - Considerações finais**

Até ao século VII, o império de Constantinopla digladiava-se com lutas políticas internas, apostadas em doutrinas e crenças religiosas estéreis. Por isso, as forças bizantinas degradavam-se e não tiveram capacidade de enfrentar o inimigo. O avanço e o poderio muçulmanos, muito velozmente, ficaram a dever-se ao desequilíbrio do império bizantino, apostado em lutas internas.

O reino de Axum e, posteriormente, o reino da Etiópia teve de lutar contra a doença, os desafios da natureza e, acima de tudo, contra os povos do exterior para sobreviver. Desta forma, as instituições políticas, religiosas, económicas e sociais revelaram-se suficientemente capazes para assegurar a sua sobrevivência como reino independente.

É de salientar que a cultura e as crenças humanas da região, apoiadas pela religião cristã, também contribuíram para a consolidação deste território como um reino soberano e diferente. A igreja etíope ficou sozinha em África, onde iria perdurar, de forma independente, até ao mundo contemporâneo.

A imagem que a Europa da Idade Média e para além tinha da Etiópia é fascinante, mas ao mesmo tempo ignorante, já que diversos documentos históricos fazem referência constante ao alargamento e/ou ao posicionamento da Etiópia até à costa ocidental do continente africano e à designação de Etiópia como abrangendo toda a África, à exceção das zonas junto ao Mar Mediterrâneo. Esta situação estava altamente generalizada por toda a Europa da época.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Albuquerque, Luís de (1989). *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*. (4ª ed.). Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Beckingham, C. F. & Huntingford, G. W. (1961). *The Prester John of the Indies. A True Relation of the Lands of the Prester John, being the narrative of the Portuguese Embassy to Ethiopia in 1520, written by Father Francisco Alvares*. (Translation). Cambridge: Edited by C. F. Beckingham & G. W. B. Huntingford. Works issued by the Hakluyt Society, Second Series, CXIV, CXV, vol I.

- Budge, E. A. Wallis (1906). *The life of Takla Haymanot*. London: Lady Meux.
- Huntingford, G. W. (1965). *The glorious victories of Amda Seyon*. Oxford: translated and edited by G. W. B. Huntingford.
- Iliffe, John (1999). *Os africanos. História dum continente*. Lisboa, Terramar.
- Kaplan, S. (1984). *The monastic holy man and the Christianization of early Solomonic Ethiopia*. Wiesbaden: Franz Steiner.
- Ludolphus, Job (1984). *A New history of Ethiopia*. (2<sup>th</sup> edition). Translated by J. P. Gent. London: Sasor. (1<sup>a</sup> ed. 1682).
- Santo Isidoro de Sevilha (1982-1983). *Etimologías*. Madrid: La Editorial Catolica S.A. (2 vol.).
- Tamrat, Taddesse (1972). *Church and state in Ethiopia 1270 – 1527*. Oxford: Clarendon Press.

Recebido: 21 de abril de 2014.

Aceite: 24 de setembro de 2014.